

## FORMAÇÃO DO CARÁTER, DETERMINISMO E SUAS IMPLICAÇÕES NA TEORIA DA RESPONSABILIDADE MORAL ARISTOTÉLICA

**FIGUEIREDO, Camila Pilotto<sup>1</sup>; HOBUSS, João Francisco Nascimento**<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Instituto de Filosofia, Sociologia e Política;  
camilafigueiredoo@hotmail.com

<sup>2</sup> Instituto de Filosofia, Sociologia e Política - Departamento de Filosofia.  
joão.hobuss@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Na *Ética Nicomaqueia* Aristóteles afirma que a prática reiterada de ações leva à constituição de uma disposição de caráter, podendo, dependendo do tipo de ações praticadas, serem as mesmas virtuosas ou viciosas. Sendo assim, um homem que possui o hábito de praticar ações virtuosas, torna-se virtuoso<sup>1</sup>. Essa disposição torna-se como uma segunda natureza para o mesmo, possuindo fixidez e estabilidade.

Alguns estudiosos das obras Aristotélicas, como David Furley, consideram que o Estagirita possui uma ética determinista, já que, aparentemente, quando se adquire uma disposição de caráter, não é possível alterá-la<sup>2</sup>.

Quando investigamos a possibilidade de mudança de caráter, inevitavelmente levantamos uma série de problemas que derivam desse tema, como saber se é possível ou não haver a modificação do caráter quando uma disposição já está assentada em um agente, problema que implica em saber se Aristóteles era ou não determinista, e, caso fosse, analisar como seria possível a atribuição de responsabilidade moral a alguém.

Essa pesquisa visa explicitar a interpretação de autores que assumem uma postura determinista quanto à visão da ética Aristotélica, bem como encontrar contraposições para tal postura baseadas no pensamento de outros pesquisadores. Além disso, serão comparadas as interpretações de alguns comentadores com os textos do filósofo grego, a fim de verificar o alcance das variadas interpretações, já que pode se levantar a hipótese de que os autores que defenderem a posição determinista não consideram devidamente algumas passagens das obras de Aristóteles. Procura-se analisar também como a postura determinista dos autores influencia na teoria da responsabilidade moral.

### 2. METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A pesquisa está sendo realizada através do estudo principal da obra *Ética Nicomaqueia*. Na primeira etapa foi necessária uma leitura sistemática de toda a obra, já que as concepções presentes ao longo do livro entrelaçam-se, consolidando a ética Aristotélica. Posteriormente, passou-se a focar nos livros II e III da obra, que tratam basicamente das virtudes de caráter.

<sup>1</sup> ARISTÓTELES, *Ética Nicomaqueia*. 1105b5-10.

<sup>2</sup> ARISTÓTELES, *Ética Nicomaqueia*. 1114a10-20.

Este estudo também conta com a leitura de alguns artigos de pesquisadores dessa área, que fornecem teses importantes para a compreensão e reflexão sobre os principais conceitos que solidificam o pensamento do Estagirita, além de fornecerem elementos para a análise da possibilidade de mudança de caráter e das implicações que esse tema traz para a teoria da responsabilidade moral aristotélica.

### 3 .RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da pesquisa é possível perceber que notáveis autores defendem a idéia de que Aristóteles era determinista. Até dado momento foram buscadas evidências que contrapusessem as teses de tais autores, já que, ao que parece, alguns desses pensadores consideram passagens isoladas da *Ética Nicomaqueia*, e não seu conjunto, o que pode motivá-los a defender tal postura.

Desde a antiguidade o problema do determinismo do caráter em Aristóteles já era discutido, especialmente com o filósofo peripatético Alexandre de Afrodísia. Alexandre afirmava que, embora uma pessoa que adquiriu uma disposição prática já não possa agir diferentemente, ela é causa da aquisição do seu caráter, já que as disposições não são naturais, mas adquiridas através de reiteradas ações no mesmo sentido. Alexandre, entretanto, não considera a limitação que Aristóteles atribui às circunstâncias em que há a perda momentânea ou definitiva da razão, imputando responsabilidade a todos os casos de disposição moral.

Outro autor que defende uma posição determinista de Aristóteles é David Furley, pois afirma haver na teoria do filósofo grego dois períodos de vida de um homem – antes e depois da formação de seu caráter. Segundo o autor, no primeiro período o homem teria poder sobre suas ações, podendo agir de formas contrárias. Entretanto, no segundo período, não seria mais possível o agente praticar uma ação oposta à disposição.

Furley soluciona o problema afirmando que um ato é voluntário se procede de uma disposição que inicialmente era aberta aos contrários, ou seja, de uma disposição voluntária. Quanto ao problema da atribuição de responsabilidade moral, o autor comenta que a mesma deve ser imputada após a aquisição de uma disposição de caráter pelo fato de tal disposição ter sido fixada pelo próprio agente, já que ele decidiu agir reiteradamente de determinada maneira (e não de outra forma). Apesar de sua solução, Furley acaba considerando que o agente não poderia fazer escolhas nem mesmo no período em que ele ainda não adquiriu uma disposição de caráter, já que estaria determinado pela educação recebida.

Marco Zingano afirma haver nesses dois intérpretes, “a busca de uma ética da liberdade, mas o resultado seria uma psicologia determinista”<sup>3</sup>. Comenta que se deve evitar uma dramatização excessiva, já que pode ser custoso mudar de hábito, mas não impossível. Zingano sustenta seu argumento afirmando que “ a ação não somente tem precedência sobre a disposição (...) como também prevalece sobre a disposição”<sup>4</sup>. Isso significa que toda a ação pode ser realizada, caso o agente seja capaz de pesar as razões que dizem respeito aos meios para realizar o fim buscado, mesmo que o agente esteja fortemente determinado por uma disposição (exceto no caso em que alguém aja estando com a razão debilitada, como no caso de embriaguez).

<sup>3</sup> ZINGANO .Marco. *Ethica Nicomachea I 13-III 8; Tratado da Virtude Moral*. 2008: p.30.

<sup>4</sup> ZINGANO. Marco. *Ethica Nicomachea I 13-III 8; Tratado da Virtude Moral*. 2008: p.30.

Por fim, pode-se utilizar o auxílio do pesquisador Myles Burnyeat para compreender o desenvolvimento das disposições de caráter, já que no artigo *Aprendendo a ser bom, segundo Aristóteles*<sup>5</sup>, o autor trata da trajetória do homem na aquisição de uma disposição de caráter.

Burnyeat comenta sobre a importância que Aristóteles dá à educação das crianças antes delas desenvolverem a razão, chamando-a de respostas avaliativas não-rationais. Afirma que, enquanto o desenvolvimento da razão não ocorre, as crianças devem ser criadas diante de bons hábitos para que essas respostas avaliativas se desenvolvam em conexão com os objetos corretos.

Considerando a importância da educação no desenvolvimento do caráter do adulto, se poderia adotar uma visão determinista da posição aristotélica, interpretando que a educação dada a uma criança é fator determinante para o seu caráter<sup>6</sup>. Mas Burnyeat não deixa espaço para esse tipo de hipótese, pois, ao final de seu artigo, cita a passagem em que Aristóteles diz haver três objetos de escolha e três de rejeição – o nobre, o vantajoso e o agradável - e seus contrários, o vil, o prejudicial e o doloroso.<sup>7</sup> O autor comenta que a perseguição do prazer é parte inata de nossa natureza animal; a preocupação com o que é nobre depende de uma boa criação; e o bem, especificado como o que é vantajoso, é o objeto da reflexão madura. Dessa forma, Burnyeat afirma que, para tornarmos plenamente virtuosos, em vez de meramente continentes ou pior, precisamos harmonizar essas três categorias de valor.

Através da afirmação de Burnyeat percebe-se que apenas uma boa criação não é fator determinante para a formação do caráter de alguém, pois, quando uma pessoa desenvolve sua capacidade deliberativa, ela pode escolher agir reiteradas vezes de maneira contrária às ações das quais foi acostumado a realizar durante sua criação, adquirindo uma disposição de caráter oposta aos ensinamentos a que foi habituado na infância. Sendo assim, as pessoas que possuem capacidade deliberativa são responsáveis por seus atos, pois, através da deliberação, podem escolher a ação que irão realizar.

#### 4. CONCLUSÃO

No momento estão sendo trabalhadas basicamente três perspectivas de possibilidade de determinismo: a de Alexandre de Afrodísia, a de David Furley e a de Jean Roberts. Percebe-se que, em cada uma delas, o respectivo autor parece desconsiderar alguma passagem importante da *Ética Nicomaqueia*, já que, nas duas primeiras posições, os autores parecem não analisar a fundo a passagem na qual Aristóteles afirma que “as diferenças de caráter resultam de atividades semelhantes”<sup>8</sup>. Essa passagem confirma o argumento já citado de Zingano<sup>9</sup>, que demonstra a interpretação equivocada dos autores. Roberts, por sua vez, parece desconsiderar a importância – mencionada por Burnyeat - da deliberação na formação do caráter do agente.

<sup>5</sup> O artigo de Burnyeat pode ser encontrado em RORTY. Amélie O. *Essays on Aristotle's Ethics*; 1980: p.69.

<sup>6</sup> Para maiores informações, ler o artigo Aristotle on Responsibility for action and character, de Jean Roberts.

<sup>7</sup> ARISTÓTELES, *Ética Nicomaqueia*. 1104b30-35.

<sup>8</sup> ARISTÓTELES, *Ética Nicomaqueia*. 1103b20.

<sup>9</sup> Ver argumento de Zingano em nota <sup>4</sup>.

Através do desenvolvimento da pesquisa percebe-se o impacto que a interpretação de uma ética aristotélica determinista exerce sobre a teoria da responsabilidade moral, pois o único dos autores trabalhados que considera firmemente a possibilidade de atribuição de responsabilidade moral é Alexandre de Afrodísia.

Apesar dos argumentos fornecidos contra a existência do determinismo em Aristóteles, ainda é necessário um estudo mais aprofundado do tema para que a hipótese seja suficientemente satisfeita, necessitando-se ainda a leitura de outros artigos que tratem desse assunto, assim como de outras obras do *corpus aristotelicum*.

## 5. REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ZINGANO. Marco. **Ethica Nicomachea I 13 – III 8: Tratado da Virtude Moral**. São Paulo: Odysseus Editora, 2008.

BURNYEAT. Myles F. Aristotle on Learning to be good. In: RORTY. Amélie O. **Essays on Aristotle's Ethics**. Bekerley: University of California Press, 1980. 5, p. 69 – 92.

ROBERTS, Jean. Aristotle on Responsibility for Action and Character. **Ancient Philosophy**, Pittsburgh/Pensilvânia, v.9, n.9, 23-36, 1989.